

O NOVO E SURPREENDENTE ACORDO DE SEGURANÇA DA AUSTRÁLIA

Por Colin Chapman*, publicado no Australian Institute of International Affairs



O primeiro-ministro australiano, Scott Morrison, em teleconferência com o presidente americano, Joe Biden, e o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, durante o anúncio do AUKUS (Foto: The Australian).

Os líderes dos Estados Unidos, Austrália e Reino Unido anunciaram um novo pacto trilateral de segurança. Suas breves, embora significativas, declarações foram notadas mais pelo que eles não disseram.

Não são todas as manhãs que os australianos ligam a televisão às 7h00 e são interpelados por Scott Morrison, Boris Johnson e Joe Biden antes que os três desapareçam da tela sem nem mesmo um “Gud-day” ou tempo para perguntas. Os democratas vão perguntar por que o AUKUS, o novo acordo entre três dos parceiros do Five Eyes, não foi anunciado pela primeira vez aos legisladores em Canberra e Londres.

Ficamos especulando sobre vários aspectos do novo arranjo. Não houve cronograma nem termos sob os quais a Austrália irá adquirir os submarinos de propulsão nuclear dos Estados Unidos ou do Reino Unido. Qual compensação, se houver, a Austrália vai pagar ao Naval Group francês pelo cancelamento do contrato de AU\$ 90 bilhões para construir os submarinos diesel-elétricos que substituiriam as obsoletas embarcações da classe Collins? Como esse negócio está planejado há meses, é razoável esperar que as estimativas do Tesouro nos digam.

Ainda não se sabe onde será baseada uma frota de submarinos nucleares australianos, ou quando a fabricação começará no sul da Austrália. Tem havido sugestões de que a Marinha dos EUA pode estar buscando uma instalação portuária do Oceano Índico em Exmouth, WA, bem como treinamento adicional para os fuzileiros navais dos EUA no Território do Norte, e a rescisão do

arrendamento de 99 anos de AU\$ 506 milhões do porto de Darwin ao Grupo Langridge, de propriedade chinesa.

Quanto a como e quando uma indústria de geração de energia nuclear deve ser estabelecida na Austrália com a assistência tecnológica de empresas americanas e britânicas, a primeira usina provavelmente seria construída perto do submarino proposto. Também pode fornecer a Morrison sua tão alardeada solução técnica, permitindo que a Austrália alcance as metas de mudança climática com as quais precisa se comprometer na COP26 em novembro. No entanto, os problemas podem surgir, já que o Partido Trabalhista australiano afirma que se oporá ao desenvolvimento da energia nuclear no setor civil.

Também não foram divulgados os detalhes da transferência de tecnologia em áreas como inteligência artificial, guerra cibernética ou cooperação de defesa na Antártica, bem como as forças por trás desse novo desenvolvimento estratégico. Não houve menção da China como uma ameaça, ou qualquer discussão sobre uma possível cooperação com outros aliados, como Japão ou Índia.

Um tanto debilmente, Morrison tentou alegar que a situação da segurança global mudou significativamente desde 2016, quando o governo da Coalizão assinou o acordo para comprar os submarinos diesel-elétricos dos franceses. Ele não mencionou que a ordem australiana era para um redesenho não nuclear do submarino nuclear Barracuda, que está em serviço bem-sucedido na Marinha francesa. Um redesenho teria sido uma escolha ruim, com o submarino resultante muito lento, barulhento e fácil de detectar, e sem o longo alcance do Polaris da Grã-Bretanha, ou mesmo do Barracuda. Mas Malcolm Turnbull, primeiro-ministro na época, foi em frente. O redesenho nunca funcionou, deixando para Morrison limpar a bagunça. Turnbull deveria se desculpar por esse caro erro de julgamento.

A França, compreensivelmente, expressou grande descontentamento com a última reviravolta dos acontecimentos, embora não possa ter surpreendido os franceses que a Austrália finalmente percebeu que havia comprado um filhote. O presidente francês Emanuel Macron está furioso por não ter sido informado do acordo. O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Yves Le Drian, descreveu a decisão como uma “facada nas costas”, mas na verdade foi um golpe frontal de Biden e Johnson, que parecem ter dificuldades em lidar com Paris em todos os níveis. Le Drian disse que as empresas francesas seriam prejudicadas e que o novo acordo “exclui os militares franceses de uma iniciativa-chave nos esforços ocidentais de construir um baluarte contra a China”.

Também houve descontentamento em Bruxelas, onde funcionários da Comissão Europeia foram pegos de surpresa no mesmo dia em que lançaram sua própria estratégia para o Indo-Pacífico. Consequentemente, recebeu ainda menos atenção que o normal na imprensa britânica e americana e, na maioria dos casos, nenhuma. O documento de estratégia da União Europeia para o Indo-Pacífico prometia “maior implantação naval pelos Estados membros para ajudar a proteger as linhas marítimas de comunicação e liberdade de navegação”.

Josep Borrell, chefe da equipe de defesa e segurança do bloco, e Ursula von der Leyen, a presidente da comissão, alertaram para que a Europa seja mais ativa na

promoção de uma força de defesa autônoma do continente. Von der Leyen disse que é necessário um ecossistema de defesa europeu com suporte para os fabricantes de defesa do continente.

Quarta-feira foi sem dúvida o melhor dia de Boris Johnson desde que assumiu o cargo. Ele não só estava no centro de um novo acordo de segurança global envolvendo os aliados tradicionais da Grã-Bretanha, Austrália e Estados Unidos, mas foi capaz pela primeira vez de colocar carne nos ossos de sua estratégia “Grã-Bretanha Global”. O anúncio da AUSUK veio às 22h00, horário do Reino Unido, na quarta-feira, o dia em que ele concluiu sua primeira remodelação do gabinete. Três ministros do gabinete foram demitidos e o secretário de Relações Exteriores, Dominic Raab, foi rebaixado. Lembrem-se que era ele quem estava em uma praia de Creta quando Cabul caiu nas mãos do Talibã, voltando para o escritório apenas na última e desesperadora semana de evacuação. Liz Truss, a secretária de Comércio que recentemente negociou o acordo de livre comércio com a Austrália, foi premiada com o cargo mais importante no Ministério das Relações Exteriores. Johnson agora tem um gabinete que pode dominar. A única exceção é o chanceler, Rishi Sunak, que ficará de olho nos gastos excessivos e já venceu a batalha para aumentar os impostos.

Pequim presumiu corretamente que a China, embora não identificada, é o principal alvo da AUKUS, e expressou seu descontentamento por meio de seus fracos embaixadores e da mídia estatal. Ela está ciente de que uma Marinha australiana equipada com submarinos nucleares e mísseis de cruzeiro Tomahawk é uma força a ser levada a sério. A Marinha australiana terá capacidade para bloquear as rotas marítimas da China para os campos de petróleo do Oriente Médio e seus parceiros comerciais. O alívio sentido em Taipé com a notícia é palpável. O fato inevitável para a China é que, com uma Austrália rearmada, ela agora enfrenta a perspectiva de um terceiro país capaz de projetar poder no Pacífico, ao lado dos EUA e do Japão.

***Colin Chapman** é articulista e palestrante especializado em geopolítica, economia internacional e questões de mídia global. É ex-presidente da Australia Institute of International Affairs (AIIA) New South Wales e foi nomeado membro da AIIA em 2017.
